



## ANTONIO CANDIDO: OS SETE FÔLEGOS DE UM CRÍTICO

### ANTONIO CANDIDO: THE SEVEN CRITICS 'BREATHS

Bárbara Del Rio Araújo  
barbaradelrio.mg@gmail.com  
CEFET-MG

**RESUMO:** este artigo pretende, a partir dos apontamentos de Roberto Schwarz em relação à obra *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, delinear e ampliar os aspectos metodológicos da crítica de Antonio Candido. Deste modo, com base nas observações do aluno no ensaio “Os sete fôlegos de um livro”, demonstraremos que os pressupostos se arregimentam em outras obras do mestre, estruturando a sua perspectiva analítica como um todo.

**PALAVRAS-CHAVE:** crítica, Antônio Candido, Roberto Schwarz.

**ABSTRACT:** this paper intends, by the appointments from Roberto Schwarz about the book *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, delineate and extend the character of Antonio Candido critic's methodology. Thus, based on the student observation in essay “Os sete fôlegos de um livro”, we will show that all presupposes have been in others teachers book, building his analytic perspective.

**KEYWORDS:** critic, Antônio Candido, Roberto Schwarz.

#### 1. Introdução

O ensaio de Roberto Schwarz “Os sete fôlegos de um livro”, presente na obra *Sequências Brasileiras*, discute as virtudes de *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Nesse aspecto, o crítico elogia Antonio Candido, que fora seu orientador, pela perspicácia analítica. Assim, reitera que o livro do mestre tem muito mais para se revelar, além daquilo que já fez a fortuna crítica. Nessa seara, esse trabalho pretende mostrar que existe, nas análises de Antonio Candido, uma linha de raciocínio que orienta não somente o encadeamento de



**Revista Araticum**  
**Dossiê Antonio Candido**

*Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes*  
v. 20, n. 2, 2019  
ISSN: 2179-6793

26

*Formação*, mas também a produção de ensaios, como aqueles presentes em *Literatura e sociedade*, em *Brigada ligeira*, em *O observador literário*, em *O albatroz e o chinês*, em *Educação pela noite*, entre outros. Esse artigo pretende, pois, mostrar como os apontamentos de Roberto Schwarz não se restringem à grande obra, mas fazem parte da configuração interpretativa do crítico como um todo.

Roberto Schwarz analisa *Formação da Literatura*: momentos decisivos, evidenciando como o livro sempre pode contribuir para uma visão crítica sobre a cultura. Assim, enumera algumas qualidades tais como i) a erudição, ii) a atualização teórica, iii) a pesquisa volumosa, iv) a exposição equilibrada e elegante, v) o juízo de bom gosto bem argumentado, tudo nitidamente evidente no aspecto geral do texto que logo se projeta na superfície da leitura. Adentrando o compêndio, referência não somente pela extensão das quase 800 páginas, mas sobretudo pela densidade informativa, Schwarz destaca outros aspectos, que, segundo ele, são mais difíceis de notar, embora igualmente valiosos. Nesse âmbito, está a relação de continuidade, adensamento e superação (vi), destacando como Candido, para produzir *Formação*, se debruçou sobre seus predecessores, de modo a dialogar com eles estabelecendo concordâncias e discordâncias. Assim, demonstrou como o crítico soube aproveitar as pesquisas de José Veríssimo, por exemplo, para superar a linearidade presente nas *Histórias da Literatura* e produzir um método mais dinâmico para se pensar a representação da literatura nacional através de momentos decisivos.

Roberto Schwarz destaca também, em relação à questão brasileira, que Antonio Candido consegue em suas interpretações alcançar o que denomina como “o interesse da vira-volta”, que seria comparado ao “sentimento íntimo”, isto é, “a vontade do crítico em entender a força particularizante nacional dentro de um universalismo Ocidental, configurando com maestria o conflito histórico e



**Revista Araticum**  
**Dossiê Antonio Candido**

*Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes*  
v. 20, n. 2, 2019  
ISSN: 2179-6793

27

estético”<sup>1</sup>. Abandona-se o patriotismo panfletário ou a adoção das tendências europeias em função da mediação sem perder de vista o senso histórico que nos relaciona. Deste modo, é um caráter diferenciador das suas análises a produção empenhada, a qual se comprometia com o sentimento da vida prática em busca de compreender a estruturação da cultura em conjunto com as demais bases, inclusive no contexto mundial. Nesse aspecto, Schwarz enuncia que o processo de formação com que Candido se compromete ainda está por vir: além da força do livro, que o faz vivo entre nós, ele proporciona entender – assim como fazem outros livros lançados no período, como *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Jr e *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado – que “é preciso nos despir de qualquer provincianismo; e, enquanto as decisões básicas que nos dizem respeito forem tomadas no estrangeiro, a nação continuará incompleta”<sup>2</sup>. Assim, pode-se dizer que a Literatura Brasileira se forma nessa dialética entre o aspecto local e o influxo europeu e, a partir daí, existe sempre uma tendência que nos faz refletir sobre as “liberdades e vinculações complicadas da Literatura, a qual pode atingir organicidade, sem que ocorra o mesmo com a sociedade a que ela corresponde”<sup>3</sup>.

Diante disso, pode-se afirmar, sem sobra de dúvidas, que *Formação* é um livro de sete fôlegos, pois se reinventa na medida em que diz sobre a dinâmica formativa em todos os seus sentidos: o projeto de se ter uma literatura autêntica, a falta de coesão na emancipação nacional e por que não dizer também sobre o percurso analítico do próprio crítico? Sete fôlegos teria também Antonio Candido para empreender essas mesmas façanhas em outras análises? Inicialmente, pode-se dizer, assim como fez Schwarz, que *Formação* é uma obra rara e sempre contemporânea já que sempre propõe novas discussões. Ao compreender que as virtudes da obra estão sempre presentes no raciocínio de Candido, como se

---

<sup>1</sup> SCHWARZ, 1999, p.47

<sup>2</sup> SCHWARZ, 1999, p.55

<sup>3</sup> SCHWARZ, 1999, p.55



houvesse algo sistêmico a relacionar a obra de 1959 com aquelas dos anos 70, 80 e 90, pode-se inferir a legitimidade da análise interpretativa desse crítico que mostra coerência e capacidade de articulação mesmo com a passagem do tempo. E ainda que digam que esses pilares não sirvam mais à crítica atual, eles são válidos, pois é a partir de todos eles que se pode perceber o que se decompôs. Nesse sentido, as leituras são sempre provocações e exigem sempre do leitor fôlego para acompanhar a dinâmica que se empreende a cada análise.

## 2. Desenvolvimento

A tarefa de demonstrar como os apontamentos de Schwarz se fazem presentes em outras obras de Candido não é simples, dada a variedade de escritos produzidos pelo autor de *Formação*. Entretanto, a tentativa aqui se realizará a partir de amostragem, tentando sintetizar o raciocínio. Em um primeiro plano, pode-se dizer que não é difícil comprovar que nos diversos ensaios, Antonio Candido, demonstrava erudição (i), estabelecendo relações entre culturas de tempos diferentes. Entretanto, é preciso salientar que essa erudição não se faz gratuitamente aderindo à modismos e a qualquer aspecto *blasé*. Sempre bem fundamentada, essa erudição deixa de ser um ornamento rebuscado para compor a estrutura da análise como vemos em “O albatroz e o Chinês”. Nesse texto, Candido relaciona o conhecido poema, de Baudelaire, à terceira fase romântica no Brasil, em especial ao *Navio negreiro*, do poeta Castro Alves. A relação não se faz apenas tematicamente, apagando as diferenças e as origens desses escritores, muito pelo contrário, Candido deixa evidente o conflito entre a vocação, poesia e sociedade. A erudição aqui vai se construindo materialmente e a elevação, que Baudelaire busca no poema, se afastando da incompreensão dos homens, resulta em humilhação; já em Castro Alves, a elevação buscada no albatroz, seria para ver melhor a tragédia histórica da escravidão: “o poeta libertário de Castro Alves é albatroz metafórico no alto, não na terra, e a sua



elevação é um recurso para penetrar na realidade do mundo, não para aboli-lo”<sup>4</sup>.

As mostras de erudição não param por aí, pois o crítico demonstra como essa poesia pode se relacionar com o que Goethe chamaria de “poesia ascensional”, a qual não elide a natureza, mas busca conhecê-la melhor, em um processo; nas palavras de Spinoza, que acessa à “natureza naturante”, sua essência profunda, por meio de uma identificação com a realidade do mundo, a “natureza naturada”. Assim, em uma análise consistente sobre as imagens e discussão da natureza física, o crítico demonstra como essa tópica é importante para a poesia castroalvina e, mais, como a relação entre mundo sensível e visível se constrói.

E o chinês? Nesse mesmo texto, Candido ainda reflete sobre a representação do mundo pelo poeta e analisa o *Cancioneiro chinês*, de Álvaro Feijó a fim de demonstrar como se constroem as forças de representação e invenção e o curioso é que existe sempre um retorno à vida por meio da arte, redimindo a sua esterilidade. É justamente nos traços essenciais da invenção que a espontaneidade se revela e o esforço descarna as formas reais que, mesmo assim, se fazem presentes como modo de reflexão. O crítico ainda relaciona o poema citado aos versos de Mallarmé, mostrando que ali haveria outra solução para o drama da vocação do poeta. Assim, prossegue a análise, mostrando como que, com o poeta francês, a dialética é mais viva entre o espaço aberto da natureza e o espaço fechado da criação e do artifício. Por fim, destacada a erudição e a perspicácia da análise, vem ainda, como resultado final, uma boa dose de humildade a reconhecer que a sua análise é um raciocínio construído que pode, como qualquer um outro, ter falhas:

se for como suponho (e pode não ser), estamos ante uma estrutura de paradoxos geradas pelas tensões de significado, levando a crer que, ao contrário do enunciado, ou em concorrência com ele, este poema de 1864 propõe de certo modo

4

CANDIDO, 2010a, p.14



no subsolo um roteiro que Mallarme seguiria depois até o fim.<sup>5</sup>

Isto posto, é indubitável que existe nos ensaios do crítico uma extensa pesquisa, volumosa e relevante (iii), além da atualização teórica constante (ii). Os dizeres do mestre deixam claro que a teorização na literatura é uma construção permanente da qual ele se apropriou sem negar a existência de outras formas de pensamento. Nesse aspecto, ele sugere uma leitura da poesia de Mallarmé, mas reconhece que atualizações podem ocorrer.

No trabalho que desempenhou em *Formação*, destacando os momentos decisivos, a relação entre os autores, as contribuições e erros, Candido pode demonstrar toda essa linhagem de atualizações teóricas e pesquisas densas. Pode-se aqui dizer que Candido realizava um trabalho de Literatura Comparada, obviamente, destacando as aproximações e distanciamentos, que fazem desses autores investigados autênticos de seu tempo e seu país. Para não usar o exemplo anterior novamente, como demonstração de sua extensa pesquisa, tomemos o ensaio “Música e música”. Nesse texto, Candido mostra como a música está presente nos textos machadianos de modo estrutural, um recurso de composição: no *Memorial de Aires*, ela entra para manifestar o amor nascente entre Fidélia (nome bethoveniano) e Tristão (nome Wagneriano) e a reação sai da superfície para compor os traços de caractere do personagem Aires: “só na filigrana esta música sutil se manifesta como elemento central de composição, estruturando o texto e constituído seu movimento psicológico profundo”<sup>6</sup>. Entre falas, silêncios e pausas, o crítico revela como o ritmo está presente na narrativa, oferecendo ao leitor uma relação entre a obra machadiana e *O ateneu*, de Raul Pompeia, concluindo que a estrutura musical em cada narrativa se difere na medida em que os protagonistas também se distinguem sobretudo na idade e na perspectiva.

---

<sup>5</sup> CANDIDO, 2010a, p.31.

<sup>6</sup> CANDIDO, 2008, p.30



Essa pesquisa relevante além de ter como foco a literatura, se envereda, como vimos, por outras artes como a música, a pintura. No texto “Surrealismo no Brasil”, Candido reconhece como os estudos sobre a psicologia auxiliou no desenvolvimento cultural. Assim, prossegue na discussão do *Duplo*, de Dostoievski em relação à variação do Surrealismo na literatura francesa, de Lewis Carroll e seus diálogos com super-realismo. O crítico chama a atenção sobre como esse movimento nas artes acabou por ampliar os meios de expressão e exprimir a instabilidade da época. Candido revela Rosário Fusco como o primeiro surrealista brasileiro, à semelhança dos super-realistas, demonstrando que o Brasil também participaria a seu modo dos novos valores: “realidade que não se nutriu apenas de uma dada atitude de espírito, mas de muitas – Surrealismo e Dadaísmo franceses, Expressionismo alemão, Imagismo anglo-americano – filtradas e incorporadas à nossa própria realidade espiritual”<sup>7</sup>. O crítico avalia a estratégia de transplantação, dá-lhe os méritos da inteligência e do engenho, mas cobra o prejuízo da superafetação. Entretanto, revela que a origem do problema está menos no escritor e mais nas raízes nacionais que compreendiam o movimento apenas como contribuição técnica e não como uma concepção geral como a europeia. A análise segue com uma comparação entre *O processo*, de Kafka, e *O agressor*, de Fusco, e, ainda que exista um bom nível do segundo, os valores nele presentes são importados, um aspecto de mistério por ele mesmo. Essa lógica racional de empreendimento da técnica, acaba por empobrecê-la:

Se eu aceitar todos os indícios e os interpretar segundo a lógica das probabilidades, terei um mundo como o do *O agressor*, no qual tudo depende do que o indivíduo pensa ser. E deste modo, num mundo em que o princípio de causalidade tende a se dissolver na liberdade das associações, chegamos ao ponto crucial do livro, como o de todo o Surrealismo, que é o triunfo do relativismo, o homem se erigindo efetivamente na medida de todas as coisas e as coisas sendo aquilo que poderiam ser num mundo livre de contingências. Ao cabo do perfeito relativismo está

7

CANDIDO, 2004a, p.97.



**Revista Araticum**  
**Dossiê Antonio Candido**

*Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes*  
v. 20, n. 2, 2019  
ISSN: 2179-6793

32

o sumo individualismo, e nas raias deste a ruptura da razão e da necessidade lógica. Como toda atitude anti-intelectualista, o Surrealismo, quando tenta organizar o mundo segundo seu esquema, traz em si a sua própria negação.<sup>8</sup>

O que seria isso senão, além da pesquisa, a exposição equilibrada e elegante do raciocínio? A clareza talvez lhe seja uma das maiores virtudes, juntamente com uma linguagem acessível e um tom didático de alguém que realmente procura compreender o que escreve e ser sempre compreendido. Um outro exemplo de exposição equilibrada e elegante é todo o seu cuidado ao expor a dialética entre processo social e processo estético, livrando-se do formalismo estéril e do sociologismo vulgar. Eis, pois, o seu maior equilíbrio! A questão da elegância está justamente em expor os problemas históricos e estéticos com a delicadeza de um analítico sagaz:

Essa feição estrutural-histórica do livro não foi notada, porque o autor não fez praça dela. Talvez, o momento seja bom para lembrar que Antonio Candido é seguramente, e de longe, o mais estrutural entre os críticos brasileiros, se entendermos o termo em acepção exigente, para além dos cacoetes terminológicos.<sup>9</sup>

Esse ideal de equilíbrio e justeza da análise, concebendo a autonomia dos estudos literários, ainda que esses estejam intimamente ligados à filosofia, à história, à sociologia, foi amplamente exposto pelo crítico em *Literatura e sociedade*. Nessa obra, Candido não deixa de estabelecer os vários níveis da correlação entre estética e corpo social, refletindo sobre a capacidade de interpenetração. Inclusive, o próprio crítico já situa que em alguns ensaios presentes na obra, como “Letras e ideias no período colonial”, as conexões sociais foram tomadas de modo mais acentuado. Já em “Estímulos da criação literária”, a estrutura interna das obras é ressaltada de modo a ser estudada em si mesma, mas sem obviamente deixar a realidade, a qual aparece sedimentada na

---

<sup>8</sup> CANDIDO, 2004a, p.99.

<sup>9</sup> SCHWARZ, 1999, p.50.



configuração formal e de conteúdo. Interessante é notar que o próprio crítico reitera sobre a necessidade de construir relações entre as estruturas linguísticas, narrativas, históricas e funcionais: “Mas o que eu desejava naquele tempo era apenas acentuar o relevo especial que deve ser dado à estrutura, como momento de uma realidade mais complexa, cujo conhecimento adequado não dispensa o estudo da circunstância onde mergulha a obra, nem a sua função”.<sup>10</sup>

A aplicabilidade desse equilíbrio é bem discutida nos ensaios presente em *O discurso e a cidade*. Busco destacar aqui o conceito de redução estrutural, formulado pelo mestre:

processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo. O meu propósito é fazer uma crítica integradora, capaz de mostrar (não apenas enunciar teoricamente, como é hábito) de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser.<sup>11</sup>

As informações desse prefácio são brilhantemente desenvolvidas nos ensaios, cito aqui o afamado “Dialética da malandragem”, quando o crítico consegue o equilíbrio de concentração entre análise estética e social. Candido parte das análises de outros estudiosos como José Veríssimo, Mario de Andrade e Darcy Damasceno que classificam o romance *Memórias de um sargento de milícias* como realista e picaresco. Assim, o mestre relativiza a filiação do romance a essa linhagem mostrando, por exemplo, o romance picaresco espanhol e assim afirma que, diferentemente do usual, o narrador do romance brasileiro é narrado na terceira pessoa e não na primeira pessoa, como ocorre comumente. Semelhantemente, nos romances, está a origem humilde, mas o pícaro na origem

---

<sup>10</sup> CANDIDO, 2010b, p.10.

<sup>11</sup> CANDIDO, 2010c, p.9.



européia é ingênuo, o contato áspero com a realidade é que o transforma. O nosso Leonardo nasce malandro e esse traço não é adquirido por força das circunstâncias. Além disso, a condição servil típica do pícaro também não é tributo do pequeno Pataca, sempre apadrinhado, livrado frequentemente da necessidade de ganhar a vida. Dadas as distinções, Candido defende o romance malandro: “o malandro, como o pícaro, é uma espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores. Já notamos, com efeito, que Leonardo pratica a astúcia pela astúcia (...) Essa gratuidade aproxima o nosso memorando dos trisckers”.<sup>12</sup>

Esse brilhante esforço de interpretação faz com que Candido comece a relacionar o protagonista ao nosso folclore, aos heróis populares. Assim, em um tom equilibrado, o mestre avança mostrando como Manuel Antonio de Almeida conseguiu lançar mão do caráter popular, da tradição anedótica reduzida aos indivíduos e tipos gerais. Assim, encaminha:

*Memórias* é feita pela associação íntima entre um plano voluntário (a representação dos costumes e cenas do Rio de Janeiro) e um plano talvez na maior parte involuntário (traços semifolclóricos, manifestado sobretudo no teor dos atos e peripécias). Como ingrediente, um realismo espontâneo e corriqueiro, mas baseado na intuição da dinâmica social do Brasil na primeira metade do século XIX.<sup>13</sup>

Veja bem a astúcia do crítico que parte da estrutura interna da narrativa para depreender a sua representação social. E é bem isso que ele irá defender. Candido elimina a possibilidade de *Memórias* ser simplesmente um romance documentário, mostrando seu lado inventivo, mas não nega que a dinâmica interna entre voluntariedade e involuntariedade demonstra a dinâmica da ordem e da desordem presente na forma social. Para finalizar em grande estilo a

---

<sup>12</sup> CANDIDO, 2010c, p.23.

<sup>13</sup> CANDIDO, 2010c, p.25.



representação do equilíbrio, cito:

Não é a representação dos dados concretos particulares que produz na ficção o senso de realidade; mas sim a sugestão de uma certa generalidade, que olha para os dois lados e dá consistência tanto aos dados particulares do real quanto aos dados particulares do mundo fictício. No esquema a seguir, sejam OD o fenômeno geral da ordem e da desordem, como indicado; AB os fatos particulares quaisquer da sociedade joanina do Rio; A'B' os fatos particulares quaisquer da sociedade descrita nas *Memórias*.<sup>14</sup>

Caminhando para o quinto fôlego, Schwarz enuncia: “digamos que a operação toda é comandada pelo juízo de gosto - que não se omite -, situado e inspirado na vida presente, mas justificados com argumentos estruturais, historicamente informados, em que ele se socializa”<sup>15</sup>. Assim, Candido tem sim as suas preferências e as defende com justeza, como quando se opõe ao realismo conceitual usual das classificações literárias, como ocorreu na segunda metade do século XIX, para defender uma modalidade bastante peculiar que implica em levar em conta a autonomia da obra. Candido explica, em *Formação*, como funciona esse “juízo” e para isso afirma que, diante do texto, muitas são as impressões preliminares: “o crítico tem de experimentá-las e deve manifestá-las, pois elas representam uma dose necessária de arbítrio, que define sua visão pessoal”<sup>16</sup>. Deste modo, segue defendendo a intuição como primeira companheira do trabalho de análise, mas relativiza: “Dela, sairá afinal o juízo, que não é julgamento puro e simples, mas avaliação – reconhecimento e definições de valores”<sup>17</sup>. Nesse aspecto, discute que entre intuição e juízo há muito de trabalho, que “tritura a impressão, subdividindo, filiando, analisando, comparando a fim de

---

<sup>14</sup> CANDIDO, 2010c, p.39.

<sup>15</sup> SCHWARZ, 1999, p.48.

<sup>16</sup> CANDIDO, 2009, p.33.

<sup>17</sup> CANDIDO, 2009, p.33.



que o arbítrio se reduza em benefício da objetividade, e o juízo resulte em aceitável pelos leitores”<sup>18</sup>.

Comandado pelo juízo de gosto e de uma acuidade analítica, Candido, em “Esquema de Machado de Assis”, analisa o grande escritor brasileiro com racionalidade tentando deixar de lado aquela tendência de inventariar e justificar demais suas contradições. “Não exageremos, portanto, o tema do gênio *versus* destino” (CANDIDO, 2004B, p.15) e assim convida o leitor a entender como ele sempre foi admirado ainda quando fora criticado e como era patriarca no bom e mal sentido. No terreno das diferenças e da franqueza, Candido chama atenção pela conjunção de traços modernos na narrativa e ao mesmo tempo arcaizantes. Assim, destaca a polivalência da criação e afirma:

pessoalmente o que mais me atrai nos seus livros é um outro tema, diferentes destes: a transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual. Esse tema é um dos demônios familiares de sua obra, desde as formas atenuadas do simples egoísmo até os extremos do sadismo e da pilhagem monetária. A ele se liga a famosa teoria do Humanitismo, elaborada por um de seus personagens, o filósofo Joaquim Borba dos Santos, doido e por isso mesmo machadianamente lúcido, figurante secundário em dois romances, um dos quais traz o seu apelido: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*.<sup>19</sup>

Para desenvolver essa observação, Candido não deixa de lançar luz a seus predecessores e a crítica existente que muito lhe orientou nessa nova perspectiva. Assim, é generoso e agradece a Lúcia Miguel Pereira, a quem diz ter analisado muito bem o tema da perfeição, da obsessão do escritor na biografia que produziu. Agradece Mario de Matos nas suas hábeis filiações biográficas e diz que Augusto Mayer vai além da visão humorística e filosofante, mostrando que

---

<sup>18</sup> CANDIDO, 2009, p.33.

<sup>19</sup> CANDIDO, 2004b, p.28.



**Revista Araticum**  
**Dossiê Antonio Candido**

*Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes*  
v. 20, n. 2, 2019  
ISSN: 2179-6793

37

havia muito nas obras machadianas do *homem subterrâneo*: “Mas não há dúvidas de que foi desses estudos e alguns outros, geralmente precedendo ou sucedendo de pouco as comemorações do centenário de nascimento em 1939, que começou a compor-se a nossa visão moderna”<sup>20</sup>.

E o reconhecimento da contribuição dos outros para os estudos machadianos e para seu raciocínio não fica por aí; Candido discute com Barreto Filho, Dirce Cortes Riedel e também com a crítica internacional como Roger Bastide e a norte-americana Helen Caldwell, se posicionando ora contrário e ora à favor, mas sempre respeitando a legitimidade desses predecessores no trabalho de pesquisa. Esse aspecto é muito debatido por Roberto Schwarz no ensaio “Sete fôlegos de um livro”, deixando evidente que a origem de *Formação* está justamente nesse diálogo com a crítica precedente podendo apoiar nas suas conquistas e aprimorar os pontos fracos:

os conceitos das gerações anteriores, tanto os que o tempo sustentou quanto os provincianos e fora de esquadro, fazem parte dessa informação histórica e são levados em conta, de sorte que a sua aferição crítica, à luz da experiência e das teorizações contemporâneas, tem feição (e força) de uma auto superação que excede o indivíduo e se dá no âmbito da história.<sup>21</sup>

Caminhando rumo ao último fôlego apontado por Schwarz, é preciso compreender como Antonio Candido vê a questão nacional e da brasilidade nas suas análises. Em relação à *Formação da Literatura Brasileira*: momentos decisivos, Roberto revela que Candido mantém o diálogo com as tendências ocidentais, respeitando a questão histórica, mas sem submissão, isto é, com autenticidade e bom senso para compreender como a tendência cosmopolita se ambienta e se aclimata aqui:

---

<sup>20</sup> CANDIDO, 2004b, p.21.

<sup>21</sup> SCHWARZ, 1999, p.48.



**Revista Araticum**  
**Dossiê Antonio Candido**

*Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes*  
v. 20, n. 2, 2019  
ISSN: 2179-6793

38

Em vez do enquadramento da experiência local pelas teorias internacionais, com o que ele implica de abdicação, unilateralidade, vida emudecida, etc., assistimos à relativização de esquemas universalizantes, a qual por si só é um resultado crítico de primeira ordem.<sup>22</sup>

Interessante é notar que a máxima do crítico - em dizer que a regência da nossa vida espiritual se coloca pela “dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos”<sup>23</sup> – pode também se aplicar a sua tendência crítica de modo geral na medida em que ela tenta buscar o equilíbrio entre o nacionalismo literário e a tendência em seguir os padrões expressivos universais. A tensão em reconhecer o que nos é legítimo e o que é herdado do modo de análise e expressão europeus faz com que a suas interpretações ganhem tanto aspecto restrito quanto amplo, revelando a superação daquele complexo periférico que sentimos diante das grandes civilizações. O diálogo compromissado é o que prevalece, por exemplo, no célebre “De cortiço a cortiço”. Aqui, Candido afirma e mostra que *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo se inspirou em *L'Assommoir*, de Émile Zola na sua configuração, mas consegue ter autenticidade diante da influência. Deste modo, no seu ato crítico, Candido reconhece o lugar das teorias e da literatura internacional, mas não se emudece diante dela, pelo contrário, executa um fabuloso exercício de análise comparativa.

*O cortiço*, segundo Candido, toma de empréstimo de Zola não apenas a ideia de descrever a vida do trabalhador pobre, mas vários pormenores e motivos como a briga entre lavadeiras, um policial caricatural e inofensivo morador do cortiço. Entretanto, Candido percebe magistralmente que o destino ali se difere, marcando com propriedade as obras: “Do cortiço parisiense ao cortiço carioca (‘fluminense’ nos tempos de Aluísio) vai uma corrente que pode ajudar a análise

---

<sup>22</sup> SCHWARZ, 1999, p.48.

<sup>23</sup> CANDIDO, 2010b, p.117.



conveniente da obra, vista ao mesmo tempo como liberdade e dependência”<sup>24</sup>. Na busca pelo equilíbrio, Candido reconhece que, na narração da vida dos trabalhadores pobres, amontados em habitação coletiva em que a degradação e a promiscuidade se constituíam como elementos centrais, *O cortiço*, de Azevedo conseguiu ser mais variado, concentrando discussões diferentemente de Zola. Na referida obra, a discussão entre alto comércio, comércio miúdo, bolsa, burocracia, especulação imobiliária, prostituição, mineração, alcoolismo aparece integrado a evidenciar a modernização conservadora nacional e, sem dúvida, como enuncia Candido, nele está a representação da coexistência íntima entre explorado e explorador, aspecto revelador da lógica de acumulação num país ainda semicolonial. Eis como a crítica se encaminha para a redução de esquemas universalizantes e começa a relativização em função da característica específica:

Na França, o processo econômico já tinha posto o capitalista longe do trabalhador; mas aqui eles ainda estavam ligados, a começar pelo regime da escravidão, que acarretava não o contato, mas exploração direta e predatória do trabalho muscular. Daí a pertinência com que Aluísio escolheu para objeto a acumulação de capital a partir das suas fases mais modestas e primárias, situando-a em relação estreita com a natureza física, já obliterada no mundo europeu do trabalho urbano.<sup>25</sup>

A partir daí, Candido demonstra como na obra de Aluísio existe uma urbanização específica típica da periferia, como existe uma configuração própria entre os personagens a gerar um naturalismo também específico. O crítico analisa a narrativa sob dois ritmos, isto é, o que é espontâneo e o que é dirigido. Essa dinâmica diz respeito, inicialmente, a conformação da lei biológica e a vontade do personagem João Romão, mas, em seguida, Candido observa que essa questão pode revelar a acumulação do capital e a mecanização do mundo urbanizado, discutindo a convergência da obra como um espaço narrativo, físico, social e simbólico. Haja perspectivas e fôlego em uma só análise, não é mesmo? É

---

<sup>24</sup> CANDIDO, 2010c, p.109.

<sup>25</sup> CANDIDO, 2010c, p.110.



possível afirmar para o crítico o que ele mesmo disse em relação a Sérgio Millet, no ensaio “Ato crítico”:

Hesito em chama-lo de ‘crítico literário’ e prefiro a expressão ‘crítico de literatura’ para sugerir a posição singular que ocupa entre os seus colegas brasileiros. Com efeito, sendo seu espírito mais amplo (...) o que atrai nele é uma espécie de posição crítica superior (...) que se aplica à literatura, à arte, à sociedade, à personalidade.<sup>26</sup>

O que se vê é que Antonio Candido tem o ato crítico como o seu modo inicial de ver a vida e as obras; para além dos fôlegos empenhados em *Formação*, empenhou vários outros nos seus diversos ensaios. Sem cristalizar-se, abarcava os métodos sem dogmatismo mas com justeza e equilíbrio, o que lhe permitia analisar com profundidade as obras. Segundo ele, “o ato crítico é a disposição de empenhar a personalidade por meio da inteligência e da sensibilidade, através da interpretação das obras, vistas sobretudo como mensagem de homem a homem”<sup>27</sup> e poucos, assim como ele, conseguiram capitular diante do objeto do conhecimento, percebendo as suas possibilidades ainda que contraditórias. E mais, conseguiu ser claro na comunicabilidade, salvando a análise de qualquer hermetismo ou diletantismo, evidenciando a todos o direito à literatura.

### 3. Conclusão

Nesse suspiro final, é possível considerar que os sete fôlegos analisados por Roberto Schwarz não estão somente presente na grande obra *Formação da Literatura Brasileira*: momentos decisivos, mas compõe o método de análise do crítico sendo presente no seu modo de interpretar as obras. Comumente se espera muita coisa do crítico de literatura, mas Candido brilhantemente

---

<sup>26</sup> CANDIDO, 2006, p.151.

<sup>27</sup> CANDIDO, 2006, p.156.



transparece simplicidade na complexidade da sua tarefa. Aqui não se diz que ele esclareça coisas misteriosas, apresentando uma faculdade extraordinária. Mas ele consegue, humanamente, assumir com clareza o papel que lhe impõe o seu tempo, revelando os valores e funções da época em que se manifesta e à qual se dirige.

A “penetração”, que Candido se refere como coisa básica no ofício do crítico<sup>28</sup>, ele consegue não somente na obra, mergulhando-a e analisando-a com profundidade, mas sobretudo na imersão da realidade do presente integrando a significação da obra no seu momento cultural. Nesse aspecto, a sua interpretação e a sua figura são como as obras e os escritores na medida em que revelam algo pessoal e histórico. O seu firme esteio de raciocínio marca uma geração e demonstra o aspecto ético de seu ofício, já que seu modo de análise sempre se compromete com o questionamento, o engajamento e certo humanismo a afirmar, por exemplo, que “não basta que o leitor se sinta diante de um homem de boa compreensão; é preciso que ele sinta o homem de boa-fé. Uma e outra coisa, os meus leitores só poderão afirmar ou negar de mim com o correr do tempo e dos artigos”<sup>29</sup>.

Foram muitos os ensaios e nesse tempo não há quem não conceda ao mestre a boa compreensão e a boa-fé. Se “a sua missão estará cumprida se puder ter contribuído para orientar seus contemporâneos”<sup>30</sup>, Candido pagou a tarefa com maestria, orientando Schwarz, Lafetá, Arnoni Prado, Arrigucci Jr, Walnice Galvão, La Serna, Costa Lima, enfim, todos nós. Seu último fôlego ocorreu em 2017, quando faleceu deixando um legado brilhante e, obviamente, muitas saudades.

---

28 CANDIDO, 2002, p.24.

29 CANDIDO, 2002, p.23.

30 CANDIDO, 2002, p.29.



**Revista Araticum**  
**Dossiê Antonio Candido**

*Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes*  
v. 20, n. 2, 2019  
ISSN: 2179-6793

42

**Referências Bibliográficas**

- CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas cidades, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Brigada Ligeira*. 3ed..Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004a.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004b.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 5ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *O observador literário*. 4ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos 1750-1880*. 12ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2009.
- CANDIDO, Antonio. *O albatroz e o chinês*. 2ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010a.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 11ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010b.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 4ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010c.
- SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

**Breve currículo da autora**

**Bárbara Del Rio Araújo** é doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Nessa instituição, cursou o mestrado em Estudos Literários (2013) e a graduação em Letras (2010). Atualmente, compõe o quadro de professores efetivos do CEFET/MG e se interessa pelas pesquisas que tratam das relações estéticas e sociais.